

## Um encontro de águas: Woolf, Bishop e Regina Melo

*A meeting of waters: Woolf, Bishop and Regina Melo*

Maria Aparecida de Oliveira<sup>1</sup>

**Resumo:** O objetivo deste artigo é analisar a representação da Amazônia na obra de três escritoras: Virginia Woolf, em *The Voyage Out*, Elizabeth Bishop, no poema “Santarém”, e Regina Melo, no romance *Ykamiabas – Filhas da lua, mulheres da Terra*. Pretende-se entender como ocorre tal processo de criação desse espaço, agora literário, conectando-o ao ecofeminismo, de Karen Warren e às concepções de Edward W. Said. O conceito de ecofeminismo utilizado está baseado no ensaio de Karen Warren (1987), “Feminism and Ecology: making connections”, e em seu livro *Ecofeminist Philosophy* (2000).

**Palavras-chave:** Virginia Woolf; Elizabeth Bishop; Regina Melo; Amazônia; Ecofeminismo.

**Abstract:** This article aims at analyzing the representation of Amazon in the work of three writers: Virginia Woolf in *The Voyage Out*, in the poem “Santarém” by Elizabeth Bishop and in the novel *Ykamiabas – Moon’s Daughters, Earth’s Women* by Regina Melo. It is our intention to understand how the creation process of this space, now literary, is connected to ecofeminism, Karen Warren and to the conceptions of Edward W. Said. The concept of ecofeminism is based on Karen Warren’s essay (1987) “Feminism and Ecology: making connections” and in her book *Ecofeminist Philosophy* (2000).

**Keywords:** Virginia Woolf; Elizabeth Bishop; Regina Melo; Amazônia; Ecofeminism.

### Introdução

Virginia Woolf pode ser considerada uma escritora global sob várias perspectivas, seja em *Orlando* e suas experiências ou em “Russian point of view” ou em “On not Knowing Greek”. No entanto, este artigo tem como objetivo analisar o modo como Woolf constrói sua perspectiva da América do Sul; a Santa Marina ficcionalizada não pode ser encontrada em nenhum mapa, pois é uma criação literária de Virginia Woolf, em *The Voyage Out*. O objetivo é entender as relações de Woolf com o imperialismo e o anti-imperialismo, apesar de poder se notar, em sua crítica ao Império Britânico, às vezes, a dificuldade da autora em se distanciar da sua identidade inglesa.

Por se tratar de um texto que aborda o contexto amazônico, é interessante trazer para a discussão a visão da Amazônia de Elizabeth Bishop, especialmente, em seu

---

<sup>1</sup> Doutora em Estudos Literários (UNESP/Araraquara). Professora da Universidade Federal do Acre (UFAC). E-mail: mariaaoliv@yahoo.com.

poema “Santarém”, o qual foi produzido no momento em que ela vivia no Brasil. Assim, pretende-se compreender a criação ficcional deste lugar mítico, contrastando e justapondo em relação à escritora Regina Melo, que também dedicou sua escrita à Amazônia, particularmente, em *Ykamiabas – filhas da lua, mulheres da Terra*. Neste livro, Melo está interessada em recuperar o mito das amazonas e ao fazê-lo ela também critica o imperialismo, a sociedade patriarcal e as conexões entre o meio-ambiente e sua degradação.

Exatamente sobre essas conexões que Karen Warren (2000) discute em seu livro *Ecofeminist Philosophy: A western perspective on what it is and why it matters?*, abordando as implicações políticas, sociais, práticas e filosóficas do ecofeminismo. Enquanto o feminismo da década de 70 afirmava que o político é pessoal e o pessoal é político, Warren compreende que os assuntos ecológicos são assuntos feministas. Ela percebe que as práticas destrutivas ocidentais ocorrem dentro do contexto da sociedade patriarcal, que oprime tanto as mulheres, quanto a natureza. Contudo, é necessário pontuar que as mulheres, que também habitam nesse mesmo espaço, podem também cometer as mesmas práticas opressivas.

Em seu livro, Warren procura demonstrar de que forma o feminismo e a ecologia são projetos complementares, mutuamente solidários, em que um reforça o outro. Ela mostra que as conexões entre os dois são: históricas, conceituais, empíricas, sócio-econômicas, linguísticas, simbólicas, literárias, espirituais e religiosas, epistemológicas, políticas e, sobretudo, éticas.

Warren assume que seriam necessárias uma análise adequada e uma resolução de questões ambientais, tais como desmatamento, poluição da água, produção agrícola e agrotóxicos, e que estas questões devem estar integralmente conectadas a uma compreensão da luta das mulheres, das minorias étnicas e raciais e dos desprivilegiados em geral.

Warren tem defendido a ideia de um feminismo transformador, o qual ela explica em seis pontos: 1) O termo expande o feminismo ao tornar explícitas as interconexões entre todas as formas de opressão; 2) proporciona um espaço teórico para a diversidade da experiência das mulheres; 3) rejeita a lógica da dominação da base conceitual

patriarcal; 4) repensa o que é ser humano; 5) ressignifica as relações éticas e étnicas; 6) desafia a crítica patriarcal nas pesquisas tecnológicas em favor de tecnologias apropriadas que preservam, ao invés de destruir a Terra.

Com isso, Warren argumenta que a teoria ecofeminista, como uma alternativa para a concepção de pensamento reducionista, excludente, monolítica e fálica, tem conduzido a história da filosofia no ocidente. Para ela, tal teoria seria imprescindível no atual cenário de crises e injustiças e sua perspectiva sobre o feminismo vai além das disciplinas feminismo e ecologia para sugerir uma nova ordem que implica na mudança das concepções contemporâneas sobre o que é a natureza, o que significa ser humano e, sobretudo, o que significa ser ético em uma sociedade tão corrompida. Acima de tudo, sua teoria também mostra como todas as formas de opressão e dominação estão conectadas e nos leva a pensar sobre novas formas de lidar com as políticas contemporâneas sobre a crise ambiental.

É exatamente a partir desses pressupostos da crítica ecofeminista que analisaremos as representações da Amazônia presentes em três escritoras diferentes: Virginia Woolf, Elizabeth Bishop e Regina Melo. O objetivo é observar como cada uma delas lida com o espaço geográfico e como elas criam suas impressões do mesmo; a partir desta representação, investigaremos como ocorrem as relações geopolíticas, pensando, principalmente, nas questões de opressão e dominação.

### **Virginia Woolf e a Amazônia**

Apesar de Virginia Woolf ter viajado muito durante toda a sua vida – Turquia, Grécia, Itália e França – ela nunca esteve na América do Sul. Santa Marina, a colônia inglesa em *The Voyage Out*, é seu espaço ficcional, que não existe em nenhum mapa, mas foi inspirado em muitos livros durante seu período de pesquisa sobre a obra. O período de gestação da obra ocorreu em 1905 e ela foi publicada em 1915. Dentre as referências utilizadas por Woolf na construção da obra, constam: Hakluyt's *Collection of the Early Voyages/Travels and Discoveries of the English Nation*; Walter Raleigh's

*Discovery of the large Rich and Beautiful Empire of Guiana* e Charles Darwin's *The Voyage of the Beagle*.

Muitos críticos têm feito diversos paralelos entre *The Voyage Out* e o livro de Leonard Woolf *The Village in the Jungle*; como também, alguns destes críticos têm proposto que há semelhanças com *Heart of Darkness*, de Joseph Conrad e mesmo com o livro *Oroonoko*, de Aphra Behn. Além disso, o romance está repleto de referências literárias: Terence, por exemplo, está lendo o poema *Leaves of the Grass* de Walt Whitman; Rachel está lendo *A Doll's House*, de Ibsen. Ainda há muitas referências literárias a poetas como Shelley, John Donne, Sappho, indicando questões sobre a composição do enredo.

Tais referências mostram o intenso trabalho literário e de pesquisa de Virginia Woolf para construir sua representação da América do Sul e, mais especificamente, sobre a Amazônia. Neste sentido, o romance canibal de Virginia Woolf levanta pontos fundamentais que estavam em voga no momento de criação da obra: colonialismo, imperialismo e escravidão. Em *Culture and imperialism* (1993), especialmente no capítulo em que o autor analisa as relações entre o romance *Mansfield Park* de Jane Austen e o império, Edward W. Said examina como a cultura inglesa tem lidado com as noções de terra, sua posse, imaginação e organização. Ao perceber as relações entre a Inglaterra e suas colônias, os efeitos da expansão inglesa foram profundamente marcados, mas, contudo, não podem ser facilmente delimitados. Tanto em *Mansfield Park*, quanto em *The Voyage Out*, somos levados a pensar nas relações entre o império e sua expansão e nas relações da geografia do poder.

Relações essas que estão interconectadas com uma sociedade capitalista e patriarcal, as quais foram estudadas por Woolf mais tarde em *Three Guineas*, de 1938. Nesse ensaio, Woolf questiona-se como a mulher poderia evitar a Guerra. Hoje, nos questionamos se, com um pouco mais de inserção na sociedade, a mulher poderia contribuir para a construção de uma sociedade mais sustentável. Neste sentido, o ecofeminismo seria uma ferramenta de extrema relevância, pois conecta a sociedade patriarcal e a opressão feminina, o capitalismo e suas consequências para o meio ambiente.

Essas considerações são importantíssimas ao longo do romance. Ao mesmo tempo que Virginia Woolf denuncia o imperialismo em *The Voyage Out*, ela também demonstra a impossibilidade de seu distanciamento do Império Britânico. Tal relação fica evidente na construção da personagem que é o pai da personagem principal, Rachel Vinrace, como exemplo das atuações do imperialismo - dono de um navio que transporta produtos para a Amazônia e traz borracha para a Inglaterra. Contudo, nada é mencionado sobre a exploração da borracha nesse primeiro ciclo e quais as consequências para a terra e para as pessoas aqui ali ficariam. Logo, a partir do título, percebe-se que há um grande deslocamento espacial. As personagens deixam seu território seguro para cruzar o oceano em direção ao desconhecido. A personagem principal, Rachel Vinrace, deixa seu ambiente familiar para enfrentar um ambiente político e internacional, no qual ela ainda não sabe navegar propriamente. Em sua viagem, ambas, exterior e interior, Rachel precisa da direção e da autoridade de uma mulher mais experiente, nesse caso Helen Ambrose, que será fundamental no seu processo de desenvolvimento feminino, que ocorre em plena Amazônia. Infelizmente, tal processo é interrompido, Rachel acometida por uma febre amarela, acaba sucumbindo e as outras personagens precisam seguir sem a sua presença.

O intercâmbio cultural entre os ingleses e as pessoas da vila quase não existe, em um momento em que as personagens realizaram uma viagem ao rio; uma delas, Mr. Flushing, diz que os ingleses da vila sempre fizeram essa viagem, compram um certo número de produtos dos nativos e retornam, sem qualquer dano à mente ou ao corpo:

When considered in detail by Mr. Flushing and Mrs. Ambrose the expedition proved neither dangerous nor difficult. They found also that it was not even unusual. Every year at this season English people made parties which steamed a short way up the river, landed, and looked at the native village, bought a certain number of things from the natives, and returned again without damage done to mind or body.<sup>2</sup> (WOOLF, 2009, p. 308)

---

<sup>2</sup> Ao serem questionados sobre os detalhes da viagem, Mr. Flushing e Mrs. Ambrose provaram que não era nem perigoso, nem difícil. Eles também consideravam que não era nem mesmo incomum. Todo ano nesta estação, os ingleses faziam suas festas, as quais se estendiam até acima do rio, onde eles aterrizavam e miravam os nativos da vila, compravam um certo número de coisas dos nativos e retornavam sem qualquer dano à mente ou ao corpo. (Woolf, 2009, p. 308, tradução nossa).

Em um outro momento, Woolf compara o momento presente à época da exploração dos elizabetanos e diz que houve poucas mudanças na aparência do rio. O encontro com os nativos da vila não poderia ser mais estranho; os ingleses parecem estar diante de um espetáculo, mas os indígenas lhes devolvem o olhar, mirando-os como se eles fossem o palco da diferença. Os ingleses então se sentem diminuídos, inferiorizados e querem fugir o mais rápido possível.

Nestas representações, pode-se apreender que ora a perspectiva é imperialista e não há qualquer envolvimento entre as duas culturas, ora a mesma é romantizada, tendo o outro como “exótico”, ao ponto da idealização. Sobretudo, é interessante notar que há uma colônia dentro da colônia e que o espaço do hotel que as personagens habitam, acaba sendo uma miniatura da Inglaterra. Os ingleses repetem seu caráter insular, criando uma ilha dentro da colônia, sem qualquer interferência dos habitantes da vila, que apenas aparecem em cena para servir; são mãos invisíveis que constroem o entorno, mas que desaparecem da cena, enquanto atores principais.

### **Elizabeth Bishop em Santarém**

Em 1951, Elizabeth Bishop decidiu fazer uma viagem à Terra do Fogo, com o objetivo de viajar por todo o mundo. Ela iria aproveitar a parada no Brasil para visitar sua amiga Mary S. Morse no Rio de Janeiro e decide ficar no país por vinte anos, mudando sua vida completamente. Neste momento, ela encontra Maria Carlota C. De Macedo Soares, conhecida como Lota, que a convidou para ficar e dividir seu apartamento com ela no Rio e sua casa em Petrópolis. A vida compartilhada com Lota transformou-se na biografia de Carmen L. Oliveira, *Flores Raras e Banalíssimas*, publicada em 1995. A obra foi traduzida por Neil Besner como *Rare and Commonplace flowers* em 2002 e, em 2013, transformou-se em filme, dirigido por Bruno Barreto.

Elizabeth Bishop planejou escrever um livro sobre o Brasil, que seria intitulado *Black Beans and Diamonds*. No entanto, ela voltou aos Estados Unidos e desistiu de seu plano. No Brasil, seu trabalho tem sido estudado cada vez mais. Dentre as teses

defendidas, poderíamos mencionar: *Black Beans and Diamonds: Brazil in the Work of Elizabeth Bishop*, de Regina M. Przybycien; o trabalho de Maria Lúcia M. Martins, *Duas Artes: Carlos Drummond de Andrade e Elizabeth Bishop*, publicado em 2006 na Universidade Federal de Santa Catarina; *O jogo das Imagens no Universo da Criação de Elizabeth Bishop*, de Silvia Maria Guerra Anastácio, publicado na Universidade Federal do Pernambuco – um trabalho riquíssimo sobre os arquivos e manuscritos da escritora. As obras e cartas de Bishop foram traduzidas por Paulo Brito em 1993. Em 1999, houve a primeira conferência Internacional sobre a autora em Ouro Preto. Além dos livros, das incontáveis teses e dissertações, houve também uma peça, *Um porto para Elizabeth Bishop*, baseada em seus poemas, cartas e entrevistas, a qual foi apresentada no Festival de Teatro de Curitiba em 2001 e traduzida para o inglês em 2006 *A Safe Harbor for Elizabeth Bishop* e apresentada em Nova York.

Bishop viajou muito pelo Brasil. Ela comprou uma casa em Ouro Preto; visitou o Mato Grosso com Aldous Huxley, viajou para Manaus, capital do Amazonas, e também visitou e escreveu sobre Brasília. Como resultado dessas experiências, Bishop criou poemas sobre o Brasil, porém, assim como Woolf, ela leu intensamente diversas obras para compor seus poemas sobre o país. Dentre as favoritas, estão *The Voyage of the Beagle*, de Charles Darwin, *Explorations of the Highlands of Brazil* de Richard F. Burton e, também, *Casa Grande & Senzala* de Gilberto Freire. Seu poema “Chegada em Santos” foi inspirado no livro *Brazilian Sketches*, do poeta britânico e imperialista Rudyard Kipling, em que ele descreve sua chegada no porto brasileiro. Seguindo o estilo de Kipling, Bishop descreve os “excessos” do Brasil: muita cor, muito calor e as tempestades elétricas mais espetaculares.

O livro de poemas de Bishop sobre o Brasil é ironicamente intitulado *Questões de Viagem*, publicado em 1965. Ele contém 19 poemas e uma história. O livro está dividido em duas seções: a primeira sobre o Brasil e a segunda “Elsewhere”. A primeira parte contém 11 poemas: *Chegada em Santos*, *Brazil*, *1º de Janeiro de 1502*, “Questões de viagem”, “Manuelzinho”, “The Armadillo”, “O Ribeirinho”, “O ladrão da Babilônia”, “No vilarejo”, “Posto de Gasolina”, “Maçarico” e “Visitas a St. Elizabeth”.

“Santarém” (2012: 89) é um dos últimos poemas de Bishop, em que ela descreve o encontro de dois rios, o Tapajós e o Amazonas. Ela também descreve eventos comuns ao redor dos rios, como o trânsito de barcos e da multidão, a pressa e o caos de um simples dia na vida dessas pessoas e, ao mesmo tempo, a magia do momento:

Naquela tarde dourada eu não queria seguir viagem;  
 Queria mais que tudo era ficar um tempo  
 Ali na confluência de dois grandes rios, Tapajós, Amazonas,  
 Fluindo majestosos, silenciosos, para o leste.

De repente surgiram casas, pessoas e um monte de  
 Barcos vira-latas zanzando de um lado pro outro  
 Sob um céu de nuvens lindas, iluminadas por baixo,  
 Tudo claro, alegre, descontraído – pelo menos parecia.

(...) Aqui, só dois,  
 E se juntando. Mesmo perante a tentação de alguma interpretação literária  
 Do tipo vida/morte, certo/errado, macho/fêmea  
 - tais conceitos se teriam resolvido, dissolvido, de imediato  
 Naquela aquática, deslumbrante dialética.

(...)  
 Dois rios cheios de uma miscelânea de barcos – gente  
 Sempre mudando de ideia, embarcando,  
 Desembarcando, em barquinhos desajeitados.  
 (Após a Guerra de Secessão, umas famílias sulistas  
 vieram para cá, onde podiam ainda ter escravos.  
 Deixaram olhos azuis aqui e ali, nomes ingleses,  
 E remos de verdade, com toletes. Em todo o resto do Amazonas,  
 Em seis mil quilômetros de rio,  
 Só se usam remos curtos, soltos)

De volta a bordo, um companheiro de viagem, o senhor Swan,  
 Holandês, ex-diretor da Philips Electric,  
 Um velhinho até muito simpático,  
 Decidido a ver o Amazonas antes de morrer,  
 Me perguntou: “Que coisa feia é essa”



A imagem do encontro de dois grandes rios parece dissolver todas as contradições e as relações binárias nesta cena, como se a “dialética deslumbrante” pudesse permanecer naquele momento. Na cultura brasileira, contradição é a palavra que expressa nossas idiossincrasias e Elizabeth Bishop pode compreender o significado exato nessa imagem da “dialética deslumbrante”. No poema, o encontro dos dois grandes rios majestosos contrasta com os “pequenos barcos vira-latas”. A natureza em sua plenitude é recortada pela intervenção humana. Assim, questões como imperialismo, exploração e escravidão também perpassam o poema. Se por um lado, observa-se a natureza em sua total plenitude, por outro lado, pode-se captar a degradação ecológica devido à intervenção humana. Qualquer um que tenha visitado a cidade de Manaus, capital do Amazonas, onde há, também, o encontro de dois grandes rios, o Rio Negro e o Solimões, sabe que há um grande choque ao sair do rio e penetrar na cidade com milhares de pessoas que insistem em deixar seus rastros em forma de lixo. Neste cenário de extrema degradação e exploração humana, o ecofeminismo se faz urgente e necessário para lidar com tais problemáticas.

É possível ler dois tempos, um do presente e outro do passado visto nos olhos azuis e nos “remos de verdade” deixados pelos norte-americanos após a Guerra da Secessão; um traço da colonização, visto pelo eu-lírico de maneira “positiva”. Outro traço da globalização cruzando os continentes e deixando suas marcas, é a presença do Senhor Swan, ex-diretor da Philips Electric. Contudo, no poema de Bishop, há mais inter-relações do que no romance de Woolf, há o senso de grande e constante deslocamento e aparente descontração. O próprio diálogo no final do poema aponta para uma relação intercultural que perpassa todo o poema: a presença dos norte-americanos nos olhos azuis, nos remos; a presença do holandês; a própria presença de Elizabeth Bishop na literatura brasileira denota o caráter multicultural do nosso país.

Bishop nem sempre foi muito bem-sucedida ao lidar com o “outro”; às vezes, ela representa o povo brasileiro como “exótico”, em outras vezes, como inferiores social e culturalmente falando. Mas, por certo, ela era extremamente diferente deles e ao mesmo tempo assimilou muito da nossa cultura em sua vida. No entanto, na sua grande viagem (*Voyage out*), ela perdeu muito também como demonstra no poema “Uma Arte”, um novo

país e um novo continente, mas por outro lado, o Brasil ganhou uma nova poeta, que seria a todo ano celebrada, criada e recriada.

### **Regina Melo e as Amazonas**

Regina Melo, assim como Virginia Woolf e Elizabeth Bishop, viajou por meio da história e da literatura para recuperar o mito das Amazonas em seu livro *Ykamiabas – Filhas da Lua, mulheres da Terra*. Ela mergulha profundamente nas águas esverdeadas e turvas do rio para trazer à tona a história dessas mulheres fortes e guerreiras, cujas raízes viajaram da Ásia à América, da Califórnia ao México e do Peru à Amazônia.

Com séria e profunda pesquisa, a escritora mergulha no mito para tecer uma fina tapeçaria que define nossas ancestrais e suas vidas. Assim como Virginia Woolf, em *A Room of One's Own*, em seu trabalho arqueológico de resgatar suas mães literárias, Melo, também, engaja-se nessa tarefa arqueológica de redescobrir o mito das nossas mães míticas, as guerreiras Amazonas. Misturando ficção e realidade, literatura e história, Melo rompe não apenas com as convenções literárias, mas também com as barreiras geográficas para mostrar que as raízes das Amazonas estão em todas as partes do globo, confirmando minha teoria de que a Amazônia está em todo lugar e, sobretudo, dentro de cada um de nós.

Sobre este aspecto, o livro de Regina Melo é fundamental, porque ele mantém a memória de nossa história, ao reunir o que já foi escrito sobre o mito e sobre a tradição oral. Sabe-se que boa parte do mito se perdeu com o tempo, mas parte sobrevive na memória das pessoas. Neste sentido, *Ykamiabas* é fundamental para ajudar na preservação da tradição oral e ajudar aqueles que querem mergulhar nas águas escuras do mito para clarificá-lo.

Além disso, o romance de Melo é extremamente importante, porque ele promove o desenvolvimento da consciência ambiental; preocupa-se não apenas com a memória social, mas, sobretudo, com a preservação da vida e do meio ambiente, mostrando com esta bela tapeçaria como tudo está conectado. Ao dar voz às guerreiras Amazonas, Melo também nos presenteia com uma pista para buscarmos a força e a conexão com nossos

ancestrais e com nossa natureza, para preservar a vida em sua totalidade. Sabe-se que as Amazonas representam o arquétipo da força e da coragem e isso é o que eu quero dizer quando afirmo que a Amazônia não está fora, ela coexiste em nós mesmos e isso significa recuperar nossa natureza, nossa história e nossos ancestrais.

Apesar de haver diversas evidências arqueológicas, muitos relatos e mapas, um grande número de pessoas acredita que o mito foi apenas um delírio dos exploradores. Isso se deve ao fato de como essas guerreiras foram representadas de forma idealizada e bastante exagerada nos escritos, por exemplo, de Francisco Orellana, um dos primeiros espanhóis exploradores. Por um lado, o mito insiste em permanecer vivo na memória do povo. Por outro lado, o mito foi quase destruído pela sociedade patriarcal, que insiste na opressão e subjugação feminina. Em um mundo onde se tem o imperialismo, a degradação ecológica e a exploração de todos os tipos, racismo e opressão feminina, o ecofeminismo seria uma perspectiva para, se não solucionar, pelo menos repensar todas essas considerações.

Trazemos novamente o ensaio *Three Guineas* de Virginia Woolf, em que ela conecta o fascismo e a opressão feminina. Ela afirma que a mesma sociedade que permite a tirania em casa, permitiria tiranos, como Hitler, Franco e Mussolini. Hoje, podemos fazer a mesma conexão, dizendo que a mesma sociedade que permite a opressão feminina, também permitiria a degradação da natureza e vice-versa.

O principal problema é que nossa estrutura econômica e social baseada no lucro e na dominação, o mesmo sistema que degrada a mulher, confinando-a à domesticidade e à pobreza, é o mesmo sistema que produz danos ambientais em larga escala. Assim, o romance de Melo leva-nos a refletir sobre o papel da mulher em uma sociedade sustentável.

Novamente, trazemos *Three Guineas* e o desejo de Woolf por uma sociedade de marginais/*outsiders*: como as mulheres podem investir no crescimento econômico, se as mesmas estão excluídas desse crescimento? Esse era o questionamento de Woolf, como se pode observar na seguinte citação:

Therefore if you insist upon fighting to protect me or “our” country, let it be understood, soberly and rationally between us, that you are fighting to gratify a sex instinct which I cannot share; to procure benefits which I have not shared and probably will not share; but to gratify my instincts, or to protect either myself or my country. For, the outsider will say, ‘in fact, as a woman, I have no country. As a woman I want no country. As a woman my country is the whole world.’<sup>3</sup>(WOOLF, 1993, p. 234)

Ainda, como as mulheres podem investir nesse crescimento, se nós sabemos que as consequências e os impactos desse crescimento podem produzir em nossa sociedade? Infelizmente, isso ainda mostra a falta de poder, a falta de participação feminina nas tomadas de decisão, mostrando ainda como as mulheres estão confinadas nos papéis sociais. Ao evitar o nacionalismo exagerado, Woolf opta por uma política social que conecta as pessoas de forma mais universal. Assim, penso que se deve encarar o ecofeminismo, como uma forma de atuação que atinge pessoas de toda parte do globo, chamando a atenção para uma problemática que nos atinge da mesma maneira, independente do nosso lugar no mundo.

Warren (1987) conecta o ecofeminismo à ética multicultural e a valores transculturais, bem como à justiça e à igualdade. Ela nos convida a criar uma comunidade, na qual poderíamos honestamente reconhecer nossas diferenças e semelhanças. Assim, poderíamos criar uma comunidade pacífica baseada no respeito e no cuidado ao outro, criando um modo de vida alternativo, que poderia ser inspirado no modelo literário de Woolf e das Amazonas, que Bishop tentou experienciar em sua comunidade com Lota. Lembrando que a Amazônia está em todo lugar, mas especialmente dentro de cada um.

## Considerações Finais

---

<sup>3</sup> “Portanto, se você insistir em lutar para proteger a mim ou ao ‘nosso’ país, deixe-se entender aqui entre nós, séria e racionalmente, pois você está lutando para garantir um instinto sexual o que eu não posso compartilhar; para adquirir benefícios que não compartilho e que provavelmente não compartilharei; mas para garantir meus instintos ou proteger a mim mesma ou meu país. Pois, a mulher marginal dirá ‘de fato, enquanto mulher, eu não possuo um país, enquanto mulher não quero nenhum país. Enquanto mulher meu país é o mundo inteiro’” (Woolf, 1993, p. 234, tradução nossa).

Se, por um lado, nota-se que Virginia Woolf estava criticando o império britânico, sua expansão e suas implicações, por outro lado, percebe-se a dificuldade da autora em se distanciar dele. Mesmo após cruzar os continentes, esse distanciamento não é totalmente possível. Ao ocuparem a colônia, os ingleses acabam por criar uma ilha dentro dela, trazendo seu comportamento insular para ela. Apesar de trazerem os tesouros da colônia, os ingleses prestam pouca atenção ao desenvolvimento e à organização da mesma. Isso fica explícito pela pouca interação, pelo silêncio dos nativos, pela falta de diálogo entre eles. Montgomery (2000) afirma que, apesar de Woolf não estar exatamente numa posição de construir uma crítica explícita sobre o imperialismo, ela demonstra um ouvido que detecta e registra os traços da estrutura do capitalismo industrial e as crises históricas de seu tempo, assim como as dissonâncias e as fissuras inerentes à própria empreitada colonial.

No poema “Santarém” de Elizabeth Bishop, o encontro de dois grandes majestosos rios é o cenário em que também estão as questões políticas, sociais, históricas e mesmo econômicas. Embora Elizabeth Bishop não estivesse interessada em criticar o sistema político, e sim em observar e dissolver as contradições existentes “naquela dialética deslumbrante”, nós, enquanto leitores, lemos no poema os pontos que estão na base desse encontro. Poderíamos ler tais pressupostos como um subtexto que emerge do poema como um aspecto fundamental dele. O Brasil enquanto colônia é um resultado de cruzamentos históricos e étnico-raciais, cujos resultados são vistos atualmente em nossa sociedade multicultural. O olhar aguçado de Elizabeth Bishop capta todos esses cruzamentos e contradições; seu ouvido também capta o silêncio dos rios e a movimentação intensa da cidade. Assim, o burburinho humano contrasta com o silêncio da natureza, bem como, a “tarde dourada” é invadida pela intensidade do movimento e das cores dos “barcos vira-latas”. Como dissemos, o presente é recortado pelo passado. A natureza em todo seu esplendor é invadida pelo processo de colonização, cujas marcas estão evidentes nos olhos azuis e nos “remos de verdade”.

Regina Melo constrói uma bela e fina tapeçaria que recupera o mito das Amazonas. Ao misturar história e ficção, mito e realidade, a escritora não está apenas rompendo as barreiras literárias, mas também as geográficas, para mostrar que a Amazônia está em

todo lugar, mas, sobretudo, dentro de cada um de nós, o que envolve a permanência, mas também a transformação. Assim, a escritora mostra como nossa história está conectada, assim como deveríamos estar conectados à natureza e à nossa própria natureza. Ao recuperar a pré-história das Amazonas, sua narrativa revela movimentos arqueológicos e encontros antropológicos na busca do mito. Há ainda uma viagem exterior e interior da personagem principal em buscar a sua própria história – (her)story – o que implica no autoconhecimento, que teria como base a epistemologia do ecofeminismo. O olhar cuidadoso da escritora em relação à degradação da natureza nos leva a pensar nas relações geopolíticas e a uma compreensão dos sistemas de exploração que permeiam a nossa sociedade no momento atual. Neste sentido, o ecofeminismo se faz necessário e urgente, pois conecta a opressão das mulheres e dos grupos minoritários na sociedade patriarcal e a degradação da natureza devido às grandes corporações da nossa era globalizada.

Ao final dessa viagem ao encontro de três grandes escritoras – Virginia Woolf, Elizabeth Bishop e Regina Melo – podemos tecer algumas considerações finais. Como dois grandes rios que convergem e fluem em uma mesma direção, poderíamos pensar nos dois rios, como essa confluência de três grandes escritoras que caminham em uma mesma direção. A natureza esplendorosa da Amazônia está presente nas três autoras, assim como a ideia do deslocamento, a viagem, os elementos multiculturais, o encontro de duas ou mais culturas.

No momento da publicação de *The voyage out*, de fato a degradação da natureza não era tão intensa, como na época em que Elizabeth Bishop escreve seu poema. Já não se pode dizer o mesmo do momento em que Regina Melo publica seu romance. Mas, podemos concordar que a expansão de grandes impérios, como o britânico e o português, no nosso caso, trouxe consequências devastadoras para suas colônias. Neste sentido, pensamos que o ecofeminismo, enquanto epistemologia, nos permite pensar numa relação de maior simbiose entre homens e mulheres e a natureza, sempre recuperando ideia da Amazon within – A Amazônia dentro de cada um de nós, que é a consciência sobre a natureza e como nos relacionamos com ela.

## REFERÊNCIAS

- BISHOP, Elizabeth. *Poemas Escolhidos*. Trad. Paulo Brito. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- \_\_\_\_\_. *Questions of Travel*. New York: Noonday Press, 1967.
- \_\_\_\_\_. *Brazil*. New York: Time Incorporated, 1962.
- BESNER, Neil. *Common and Rare Flowers*. Nova York: Rutgers University Press, 2002.
- MELO, Regina. *Ykamiabas. Filhas da luas, mulheres da Terra*. Manaus: Travessia, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Oceano primeiro. Mar de leite. Rio da criação*. São Paulo: Nelpa, 2011.
- MARTINS, Maria Lúcia Martins. *Duas artes: Carlos Drummond de Andrade e Elizabeth Bishop*. Belo Horizonte: UFMG, 2006.
- MONTEIRO, George. *Elizabeth Bishop in Brazil and after: A poetic career transformed*. Carolina do Norte: MacFarland&Company, 2012.
- \_\_\_\_\_. *Conversas com Elizabeth Bishop*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- MONTGOMERY, Nick. Colonial Rhetoric and the maternal voice: Deconstruction and Disengagement in Virginia Woolf's *The Voyage out*. *Twentieth Century Literature*. Vol. 46, No. 1, 2000. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/441932>. Acesso em 09 de mai. 2017.
- SAID, Edward W. *Culture and Imperialism*. New York: Alfred A. Knopf, 1993.
- WARREN, Karren J. *Ecofeminist philosophy. A perspective on what it is and why it matters*. Maryland: Rowman & Littlefield, 2000.
- WOOLF, Virginia. *The Voyage Out*. Oxford: Oxford University Press, 2009.
- \_\_\_\_\_. *Mrs. Dalloway*. Introd. Elaine Showalter. London: Penguin Books, 1992.
- \_\_\_\_\_. *A Room of One's Own and Three Guineas*. Introd. Michele Barrett. London: Penguin Books, 1993.

Recebido em: 11/06/2017

Aceito em: 01/08/2017